A PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS PREPOSICIONAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O QUE DADOS DE ESCRITA PODEM REVELAR?

BRAZILIAN PORTUGUESE PREPOSITIONAL CLITICS PROSODIZATION: WHAT DO WRITING DATA REVEAL?

Lilian Maria da Silva[1]

RESUMO: A proposta deste artigo é a de apresentar uma análise de grafias de hipossegmentação (como "denovo", para "de novo") e de hipersegmentação (como "de pois", para "depois"), com o propósito de discutir como a estrutura desses tipos de dados pode revelar pistas acerca da prosodização de clíticos preposicionais do Português Brasileiro. Com base na discussão teórica sobre prosodização de clíticos (NESPOR; VOGEL, 1986, 2007; SELKIRK, 1984, 2004; VOGEL, 2009; VIGÁRIO, 2007), mostramos (i) como a relação sintático-semântica entre clítico e hospedeiro — nas hipossegmentações — e os registros de sílabas pretônicas como clíticos — nas hipersegmentações — indiciam diferentes graus de dependência prosódica dos clíticos preposicionais; e (ii) como os graus de dependência podem indicar o domínio de prosodização dos clíticos investigados.

Palavras–chave: Segmentação de palavras; Clíticos preposicionais; Prosodização; Português Brasileiro

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyses hyposegmentations (e.g. "de novo" to "de novo") and hypersegmentations (e.g. "de pois" to "de pois") with the aim to discuss how these data structure reveal clues related to prepositional clitics prosodization of Brazilian Portuguese. Based on the theory framework about clitics prosodization, (NESPOR; VOGEL, 1986, 2007; SELKIRK, 1984, 2004; VOGEL, 2009; VIGÁRIO, 2007), we present (i) how the syntactic-semantic relation between the clinic and the host — e.g. in hypossegmentation — and the spelling of pretonic syllables as clitic — e.g. hypersegmentation — suggest different grade of prosodic dependence of preposicional clitics; and (ii) as grade of dependence indicate the domain prosodization of investigated clitics.

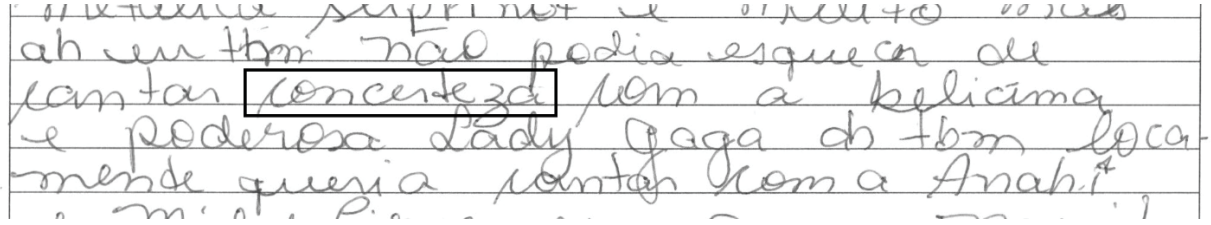
Keywords: Word segmentation; Preposicional clitics; Prosodization; Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

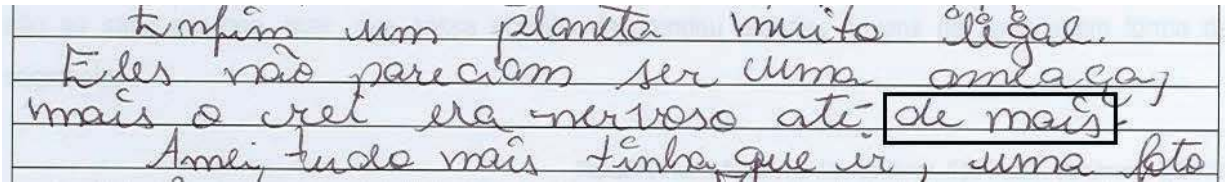
Este artigo parte da descrição de um conjunto de grafias de segmentação não convencional de palavras. Especificamente, foram selecionados dois tipos de dados: o primeiro consiste em registros de hipossegmentação, quando há ausência de fronteira gráfica entre um clítico preposicional e uma palavra; o segundo tipo, diz respeito a

[1] Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, msilva.lilian@gmail.com. FAPESP (Processo: 2014/18050-7).

ocorrências de hipersegmentação, quando há presença de fronteira gráfica no limite de sílabas pretônicas homófonas a algum clítico preposicional da língua. Abaixo, apresentamos trechos de textos manuscritos que exemplificam, respectivamente, os tipos de dados investigados:



Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II



Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II

De um ponto de vista linguístico, nosso objetivo se concentra em relacionar a estrutura das grafias de segmentação com a estrutura prosódica do Português Brasileiro (a seguir, PB). Assim, buscamos, a partir das hipo e hipersegmentações, discutir o estatuto prosódico de clíticos preposicionais do PB. Sobre a proposta de relacionar escrita com questões prosódicas, afirmamos, junto com Abaurre (1996, p. 112), que dados de escrita podem revelar o funcionamento da língua e, ademais, "vir a constituir-se em fonte de renovação epistemológica para a própria teoria linguística". Assumir essa abordagem nos leva a tomar a flutuação das segmentações que ora envolvem clíticos e ora sílabas pretônicas que correspondem a clíticos como indícios de uma questão fundamental em torno do estatuto de elementos átonos: os clíticos são sílabas átonas que se prosodizam internamente à palavra prosódica ou unidades átonas que formam com a palavra um domínio prosódico maior? A consequência teórica dessa questão é a de que a diferenciação de prosodização do clítico em relação à prosodização de sílabas pretônicas permite identificar se o clítico é mais interno ou externo ao hospedeiro e, por consequência, em qual domínio é prosodizado.

Na tradição dos estudos fonológicos (cf.: HORNE, 1989; BOOIJ, 1996; HALPERN, 1998; VIGÁRIO, 2003, 2007; BISOL, 2005; entre outros), a discussão sobre prosodização dos clíticos reúne-se no debate em torno da existência de um domínio prosódico intermediário (entre a palavra prosódica e a frase fonológica), específico de prosodização dos clíticos: o grupo clítico (NESPOR; VOGEL 1986, 2007). Os posicionamentos frente à noção de grupo clítico seguem duas direções, que são a manutenção de um nível prosódico específico das sequências de clítico e hospedeiro ou a inserção dos clíticos em outros constituintes da hierarquia prosódica. Em outros termos, têm-se defendido: (i) a reconsideração dos problemas teóricos em torno do grupo clítico, a fim de manter a noção de um domínio prosódico específico para a prosodização dos clíticos (abordagem que passa também pela

renomeação do constituinte: grupo composto (VOGEL, 2009) ou grupo de palavra prosódica (VIGÁRIO, 2007, 2010);[2] (ii) a prosodização dos clíticos nos domínios da palavra prosódica ou da frase fonológica (SELKIRK, 1984, 2004); e (iii) a admissão de recursividade na hierarquia prosódica, em que clítico e hospedeiro passam a formar um domínio prosódico recursivo (INKELAS, 1990).

Com base na análise das grafias de segmentação não convencional de palavras, pretendemos expor novas evidências acerca da prosodização de clíticos, tema que ainda é um entrave nas pesquisas em Fonologia Prosódica, visto a falta de consenso teórico quanto ao lugar do clítico na estrutura prosódica.

O desenvolvimento das questões propostas no presente artigo está dividido em cinco seções. A primeira delas é dedicada à apresentação das bases da Fonologia Prosódica, avaliando as implicações da constituição da teoria para a prosodização dos clíticos. Em seguida, na segunda seção, abordamos o material e as características dos registros de hipo e hipersegmentação. Trazemos, também, considerações sobre a escolha dos clíticos preposicionais frente a outros tipos de clíticos do PB. Na terceira seção, descrevemos as características dos dados que permitem traçar hipóteses sobre o lugar do clítico na estrutura prosódica. Na quarta seção, os resultados são retomados a fim de discutir como as grafias de segmentação não convencional de palavras podem trazer informações sobre o domínio de prosodização dos clíticos. Por fim, a última seção é reservada a algumas finais.

O ESTATUTO PROSÓDICO DOS CLÍTICOS: IMPLICAÇÕES TEÓRICAS

Em termos gerais, clíticos são elementos átonos e dependentes tanto sintática quanto fonologicamente das palavras adjacentes. Com relação a categorias morfossintáticas, clíticos correspondem a palavras monossilábicas de função gramatical, como, por exemplo, artigos (*o*, *a*), preposições (*de*, *em*), pronomes (*me*, *se*) e conjunções (*e*, *ou*).[3] Por sua vez, a ausência de acento[4] distingue clíticos de palavras prosódicas, as quais têm como uma de suas características definidoras, a presença de acento primário (DIXON E AIKHENVALD, 2002; BISOL, 2004). Consequente à característica de atonicidade, se dá a comparação dos clíticos ao estatuto prosódico de afixos (também ligados prosodicamente a um item acentuado), mas pelo fato de se constituírem como unidades morfossintáticas são relacionados ao estatuto de palavras independentes. No que toca à prosodização, clíticos comparados a afixos são prosodizados no nível da palavra prosódica, enquanto clíticos com funcionamento de palavra se prosodizam junto a frase fonológica (cf.: SELKIRK, 2004).

Para Nespor e Vogel (1986, p. 145), diferenças no funcionamento dos clíticos demonstram que esses elementos apresentam estatuto prosódico particular, o qual justifica que os clíticos acompanhados de uma palavra prosódica, formem um constituinte prosódico exclusivo das sequências clítico-hospedeiro (por exemplo: "de casa") e/ou hospedeiro-clítico (por exemplo: "ajude-me"). Portanto, é possível concluir que as

---

2 Com as renomeações, Vogel (2009) e Vigário (2007, 2010) objetivam além da manutenção de um constituinte prosódico intermediário, abrigar no mesmo nível de prosodização dos clíticos, a prosodização de compostos fonológicos (do tipo "belamente") e morfossintáticos (do tipo "guarda-chuva").

3 Algumas palavras funcionais dissílabas como a preposição *para* tornam-se clíticas, ao perderem informações segmentais ("para > pra > pa") diante de alguns contextos específicos, conforme demonstrado por Marcato (2013). Nesses casos, a atonicidade não é estável como a dos clíticos monossílabos.

4 Spencer e Luís (2012) discutem a presença de clíticos em línguas sem sistema acentual. Para os autores, a falta de acento não é uma propriedade universal desses elementos, embora reconheçam essa característica como presente em muitas línguas do mundo.

propriedades que definem esses elementos são "mistas", de modo que os clíticos ora se aproximar de afixos integrados à palavra, ora de unidades da sintaxe e ora diferenciar-se de ambos os estatutos, torna sua categorização prosódica bastante instável.

Os modelos teóricos de Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986, 2007) consistem em uma representação universal da estrutura prosódica. Cada constituinte dessa estrutura é construído a partir de diferentes informações linguísticas, isto é, na constituição dos domínios prosódicos estão envolvidas informações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Apesar de contarem com informações de outras naturezas linguísticas, os constituintes prosódicos não são isomórficos a qualquer outro constituinte gramatical e, desse modo, nem sempre uma unidade prosódica tem correspondência em outro componente gramatical. A estrutura prosódica se organiza de modo hierárquico, variável em relação ao modelo teórico. Enquanto Selkirk (1984) postula cinco constituintes (sílaba, pé métrico, palavra prosódica, frase fonológica, frase entonacional), Nespor e Vogel (1986, 2007) propõem sete domínios prosódicos (sílaba, pé métrico, palavra prosódica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional, enunciado fonológico).[5]

No que tange ao nível de prosodização dos clíticos, na hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986, 2007), os clíticos são prosodizados no grupo clítico, nível localizado entre a palavra prosódica e a frase fonológica. Por sua vez, na hierarquia prosódica, segundo Selkirk (1984), não há esse domínio particular, pois, para ela, os clíticos, a depender de seu funcionamento, se prosodizam no nível da palavra prosódica ou da frase fonológica. Assim, os modelos divergem em relação à formalização do lugar do clítico e, nas línguas do mundo, são encontradas evidências favoráveis a cada proposta. Discutir sobre a necessidade de um constituinte prosódico específico para as sequências de clítico e hospedeiro afeta, em primeira instância, a base da hierarquia prosódica, uma vez que atinge diretamente os princípios de boa-formação dessa estrutura, e, em segunda instância, o preceito de universalidade das estruturas prosódicas, pois o modo como clíticos formam unidades prosódicas deve ser previsível em todas as línguas.

A hierarquia prosódica é fundamentada na Strict Layer Hypothesis (SLH), que prevê quatro princípios de boa-formação na construção dos domínios prosódicos, conforme Nespor e Vogel (1986, p. 7). Dentre os quatro princípios, dois deles abordam diretamente a prosodização dos clíticos: exaustividade e não-recursividade. O princípio de exaustividade prediz que uma dada sequência deve ser completamente dominada pelo constituinte imediatamente posterior. Com isso, uma sílaba não pode ser dominada diretamente por uma frase fonológica, por exemplo. No caso dos clíticos, a consequência desse princípio é a de que esses elementos precisam receber *status* de palavra prosódica seja assumindo sua prosodização em um domínio específico seja no nível da frase fonológica. O outro princípio, de não-recursividade, prevê que um nível não pode dominar elementos de mesma categoria, por exemplo, duas palavras prosódicas devem constituir uma frase fonológica e não outra palavra prosódica. Do mesmo modo, clítico e hospedeiro não podem corresponder a um tipo de palavra prosódica, distinguindo entre palavra prosódica simples e palavra prosódica recursiva, a qual pode compreender clíticos.

[5] Em ambos os modelos, os constituintes prosódicos estão apresentados em ordem crescente.

Em função desses princípios, as propostas que preconizam um constituinte específico das sequências clítico-hospedeiro perpassam pela possibilidade de flexibilização dos princípios, já as que defendem a prosodização dos clíticos em outros níveis da hierarquia prosódica e de aceitação de estruturas recursivas admitem a possibilidade de violação dos princípios.

A defesa pela flexibilização dos princípios de boa-formação sustenta-se, em primeiro lugar, no reconhecimento de que a super atribuição do estatuto de palavra prosódica ao clítico não contempla o real estatuto linguístico desse elemento (de sílaba átona), sendo, pois, uma posição teoricamente falseável. Essa super atribuição decorre da noção de os constituintes prosódicos serem exaustivos, de maneira que em um dado domínio esteja contido o nível imediatamente inferior. Para Nespor e Vogel (2007), uma modificação na Strict Layer Hypothesis que permita que um constituinte possa dominar mais de um nível abaixo dele é a solução mais viável para o problema do estatuto dos clíticos. Segundo as autoras, essa proposta é mais coerente para explicar universalmente a informação prosódica em comparação às propostas de eliminação do grupo clítico, pois a nova formação desse constituinte "continua a capturar a diferença original entre o comportamento fonológico de PWs e CGs"[6] (NESPOR; VOGEL, 2007, p. xviii).

Em segundo lugar, flexibilizar o princípio de exaustividade anula a necessidade de construção de estruturas recursivas. Na constituição da estrutura prosódica, recursividade é uma noção extremamente relevante, pois estabelece a distinção fundamental entre estrutura prosódica e estrutura sintática (que é de natureza recursiva). Vogel (2009, p. 15) entende que a admissão de recursividade não só estreita a diferença entre estrutura os tipos de estruturas, como também invalida o "conceito de constituinte como uma unidade linguística definida com base em propriedade(s) particulares", ou seja, constituinte prosódico, constituinte sintático, constituinte morfológico, entre outros.

Por seu turno, as abordagens de prosodização dos clíticos em outros constituintes da hierarquia prosódica, incluindo domínios recursivos, estão alicerçadas (i) na eliminação de qualquer constituinte prosódico intermediário entre o nível da palavra prosódica e da frase fonológica; e (ii) na inclusão de estruturas recursivas na hierarquia prosódica.

Essas possibilidades se sustentam, em alguns trabalhos (SELKIRK, 2004; SIMIONI, 2008), pela remodelação dos princípios de boa-formação em restrições de dominância prosódica. Sob essa mudança está subjacente a ideia de que princípios sempre devem ser atendidos, enquanto restrições podem ser violadas, de modo que os problemas de os domínios prosódicos serem recursivos ou não exaustivos deixam de ser um entrave para a base que sustenta toda a constituição da estrutura prosódica. Portanto, resolve-se tanto a eliminação de um constituinte para a prosodização dos clíticos, já que esses elementos passam a ser prosodizados no nível da palavra prosódica ou da frase fonológica, a depender do funcionamento do clítico (mais dependente ou menos dependente), quanto as limitações teóricas que traziam os princípios de boa-formação na formalização de fatos fonológicos específicos em cada língua.

6 PW representa palavra prosódica; CG representa grupo clítico.

Outra perspectiva que assume a possibilidade de recursividade na hierarquia prosódica é encontrada em Inkelas (1990), com base na distinção entre informações lexicais e pós-lexicais. Para a autora, clítico e hospedeiro formam um domínio recursivo. A prosodização dos clíticos é postulada a partir da diferença entre palavras prosódicas e regras lexicais e palavra prosódica e regras pós-lexicais. Assim, haveriam palavras prosódicas formadas no léxico (morfologia) e palavras prosódicas formadas no pós-léxico (sintaxe); essas últimas incluiriam os clíticos. Uma vez que, juntos, clítico e hospedeiro apresentam um único acento fonológico, esse elemento átono deve ser integrado junto à palavra prosódica, formando uma palavra prosódica recursiva.

A discussão acerca do processo de prosodização dos clíticos esbarra em problemas de constituição da estrutura prosódica, os quais precisam ser considerados por trabalhos que se debruçam sobre essa temática. Neste artigo, a partir da análise das hipo e hipersegmentações levantamos uma hipótese quanto à proposta teórica que pode ser mais próxima do funcionamento dos clíticos preposicionais do PB. Além disso, a falta de consenso quanto ao nível prosódico dos clíticos compromete também a noção de que a informação prosódica se organiza universalmente, por essa razão definir um lugar para o clítico, no interior da hierarquia prosódica, é importante para a abrangência explicativa dos fatos prosódicos das diferentes línguas.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A discussão sobre a prosodização dos clíticos preposicionais se desenvolverá a partir de um conjunto de hipo e hipersegmentação, cuja característica principal é a de envolver, respectivamente, algum clítico ("de<u></u>noite" para "de noite") ou possível clítico preposicional ("de vagar" para "de<u></u>vagar"). Essas grafias foram levantadas em textos manuscritos produzidos em contexto escolar por alunos dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental (antigas quinta a oitava séries). Os textos analisados compõem o "Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II", disponível para acesso on-line gratuito: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login.[7]

A seleção dos dados a partir de textos dos anos finais do Ensino Fundamental parte da constatação de que segmentações não convencionais que envolvem elementos clíticos são frequentemente encontradas nessa etapa da escolarização (Cf.: TENANI, 2011; SILVA; TENANI, 2014). De acordo com Tenani (2011), os dados de segmentação não convencional de palavras, encontrados nos anos que encerram o EF, caracterizam-se por colocar em evidência o modo de organização dos elementos átonos da língua. Em outras palavras, a autora argumenta que a dúvida que parece ser frequente é a de quando os elementos átonos são sílabas (pretônicas ou postônicas) de uma palavra e

[7] O "Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II" é composto de amostras transversal e longitudinal de textos, as quais totalizam 5.468 produções escritas. O Banco foi constituído durante os anos de 2008 a 2011, a partir do projeto de extensão universitária "Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual", desenvolvido na UNESP de São José do Rio Preto e coordenado pelas professoras doutoras Luciani Ester Tenani e Sanderleia Roberta Longhin. O projeto recebeu financiamento da UNESP (via Pró-Reitoria de Extensão) e, em 2011, foi premiado no 6º Congresso de Extensão Universitária da UNESP em primeiro lugar entre os projetos da área de Educação. A organização do Banco recebeu dois financiamentos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processos: 2009/14848-6 e 2013/14546-5). Além disso, o Banco está vinculado ao Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem (GPEL/CNPq), subsidiando pesquisas de diferentes níveis acadêmicos.

de quando são unidades (clíticos) que funcionam junto a uma palavra formando um domínio maior. Esse traço, que caracteriza as produções textuais que compõem o material deste artigo, pode ser explicado em função de o ensino de produção de textos na etapa final do Ensino Fundamental abordar conteúdos gramaticais relacionados à construção de relações de subordinação, que exigem o emprego de conectores, como as preposições, por exemplo. No caso das grafias analisadas, estabelecer relações por meio da preposição traz implícita a complexidade de saber empregar sintagmaticamente elementos que, em termos de cadeia fônica, são idênticos. Por exemplo, é o caso de reconhecer que a sílaba "de" é uma palavra morfossintática em "de repente", mas interna à estrutura de palavra em "devagar". Defendemos que definir os limites gráficos de uma preposição coloca em interação informações sintáticas e prosódicas simultaneamente, sendo essa última informação referente à prosodização da preposição junto a outros elementos da sentença.

O interesse pelos clíticos preposicionais advém, por um lado, pelo fato de as preposições monossilábicas serem o tipo de palavra mais instável para atribuição de fronteira gráfica, segundo resultados de Silva (2014) e Paranhos (2014), quando comparados a outros clíticos da língua, como artigos e pronomes, por exemplo. Por outro lado, pela própria complexidade sintática e prosódica das preposições. Em termos sintáticos, as preposições são elementos que participam de construções sintáticas variadas, que vão desde construções mais "acessórias" até mais fundamentais para a obtenção de unidades sintático-semânticas completas (cf.: ILARI et al., 2015). Quanto ao funcionamento prosódico, o estudo de Marcato (2013) mostra que a prosodização de preposições é bastante complexa, pois o tipo de elemento que está sequente ao clítico é uma informação importante para o processo de cliticização das preposições.

De acordo com a abordagem teórica sobre o estatuto dos dados de escrita (ABAURRE, 1996) e com uma perspectiva que privilegia a relação entre fala e escrita (CORRÊA, 2004),[8] concebemos a não convencionalidade das grafias estudadas como marca do funcionamento linguístico que é, por muitas vezes, apagado pelo funcionamento convencional regido pelas convenções. Em outras palavras, os registros não convencionais colocam em destaque determinados fatos da língua que não são evidentes nos usos convencionais. A particularidade das grafias de segmentação não convencional será melhor explicitada quando em confronto com as grafias convencionais e, sendo assim, para caracterizar e descrever o funcionamento prosódico os registros convencionais serão mobilizados, embora os não convencionais sejam privilegiados.

Assim, partimos da análise do funcionamento das hipos e hipersegmentações e dos registros convencionais das sequências de clítico preposicional e hospedeiro, considerando dois planos de funcionamento sintático-semântico: (i) funcionamento

[8] Junto com Corrêa (2004), entendemos a relação entre fala e escrita não pela perspectiva da interferência da fala sobre o texto escrito, mas de uma abordagem que defende haver uma relação intrínseca entre fala e escrita, a qual é de natureza heterogênea. A noção de escrita como sendo heterogeneamente constituída, conforme Corrêa, assume a escrita não como um código autônomo oposto à fala. Uma evidência apresentada pelo autor é a de que o sistema fonográfico, base da escrita alfabética, é constituído a partir características dos sons. Portanto, não há, já na própria constituição da escrita, uma separação radical com a fala, de modo que, nos fatos linguísticos, sejam eles falados ou escritos, não é possível estabelecer limites homogêneos, ou seja, entre aquilo que seria exclusivamente do domínio escrito e aquilo que seria apenas do domínio falado.

específico, caracterizado pela relação direta clítico-hospedeiro; e (ii) funcionamento abrangente, que abarca a relação da sequência clítico-hospedeiro dentro da sentença em que ocorrem. O cruzamento desses dois planos de funcionamento nos permitirá distinguir "tipos" de clíticos preposicionais que subsidiarão a formulação de uma hipótese quanto à formalização da prosodização dos clíticos. Além disso, também consideramos como informações prosódicas constituídas no nível da palavra podem ser relevantes para compreensão do funcionamento dos clíticos e de sílabas grafadas como clíticos preposicionais.

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Foram analisados 266 textos e identificadas 83 grafias de segmentação não convencional, sendo 33 registros de hipossegmentação (i. e. um clítico unido a uma palavra) e 50 registros de hipersegmentação (i. e. uma sílaba pretônica grafada como um clítico). Os elementos átonos encontrados nas fronteiras não convencionais correspondem a nove preposições monossilábicas do português, a saber: "de, em, com, por, na, da, do, pra, no".

Dessas características, destacamos duas que, do nosso ponto de vista, dialogam diretamente com a questão central da prosodização dos clíticos preposicionais. Em primeiro lugar, lançamos luz sobre o tipo de segmentação mais comum: as hipersegmentações. A esse respeito, observamos que é mais frequente que sílabas pretônicas sejam segmentadas como se fossem um clítico, por exemplo, "de mais" (demais), "na viu" (navio), "da quele" (daquele), "com versa" (conversa) do que clíticos serem grafados como se fossem parte de palavra, por exemplo, "denovo" (de novo), "porisso" (por isso), "napuate" (na boate), "ensima" (em cima).

Esse primeiro resultado coloca em evidência o fato de sílabas pretônicas serem interpretadas como externas às palavras, especialmente quando essas podem corresponder também a um clítico quando grafadas isoladamente. Em termos prosódicos, privilegiando a relação dessa sílaba com o seu "hospedeiro", entendemos que as hipersegmentações dão pistas de um possível funcionamento mais independente dos clíticos preposicionais na ligação com as palavras adjacentes. Essa interpretação sobre as hipersegmentações ganha mais sustentação quando a comparamos ao tipo de hipossegmentação encontrado no corpus. Observamos que um clítico preposicional é, predominantemente, hipossegmentado quando a palavra a que se une forma com ele uma estrutura locucional. Comentamos essas características a seguir.

O segundo ponto a ser destacado, diz respeito às características dos elementos átonos encontrados nas fronteiras não convencionais. Esses se tratam ou correspondem às preposições mais gramaticais do português (ILARI, et al., 2015), que funcionam sintaticamente como introdutoras de argumentos e de adjuntos e, em razão desse traço, participam da construção de diferentes relações semânticas (NEVES, 2000). Como mostramos mais a frente, essas informações sintático-semânticas que constituem as preposições átonas investigadas, junto a informações prosódicas, são fundamentais para compreendermos a prosodização dos clíticos. Desse modo, de nossa perspectiva, são as diferentes informações gramaticais que, sendo relevantes para a prosodização darão pistas do(s) nível(is) em que sequências de clítico e hospedeiro são prosodizados na hierarquia prosódica.

Hipo e hipersegmentação se definem pelo traço comum de emprego não convencional da fronteira gráfica que delimita palavra escrita. Entretanto, a materialização da não convencionalidade dessa fronteira é o que distingue os dois tipos de segmentação, já que ocorre pela ausência na hipossegmentação e pela presença na hipersegmentação. Essa informação que diferencia cada uma das formas é relevante não só por permitir particularizar os usos não convencionais dos espaços gráficos, mas também porque permite compreender as informações linguísticas que motivam mais diretamente hipo e hipersegmentação. Na próxima seção, buscamos identificar como tais informações indiciam a prosodização dos clíticos.

PROSODIZAÇÃO DOS CLÍTICOS: O QUE REVELAM AS GRAFIAS DE SEGMENTAÇÃO?

Nas hipossegmentações a relação clítico-hospedeiro sinaliza para uma relação mais interna do clítico, como se esse elemento tivesse sido incorporado a uma palavra prosódica de tal modo a ser uma de suas sílabas. A exemplificação dessa interpretação é dada a partir da comparação entre estrutura das sequências convencionais e das estruturas hipossegmentadas, em termos de sílabas fracas e fortes:

		Grafia convencional e estrutura prosódica		Grafia não convencional e estrutura prosódica
(1)	a.	de novo	b.	Denovo
		(•)σ (* •)ω em frente (•)σ (* •)ω		(• * •)ω Enfrente (• * •)ω
(2)	a.	com certeza	b.	Concerteza
		(•)σ (• * •)ω por enquanto (•)σ (• * •)ω		(• • * •)ω (* • * •)ω Porenquanto (• • * •)ω (* • * •)ω [9]

Onde: •: sílaba fraca; *: sílaba forte; σ: sílaba; ω: palavra prosódica
Fonte: Elaboração do autor

Com base na relação entre a sequência de sílabas fracas e fortes das estruturas convencionais e a mesma sequência das grafias hipossegmentadas, notamos como, no caso dos registros não convencionais, os clíticos podem ser interpretados como parte da estrutura rítmica que envolve as palavras enquanto uma de suas sílabas pretônicas, pois as sílabas átonas que eram externas em (1a) e (2a), se integram à estrutura da palavra em (1b) e (2b), respectivamente.

[9] A possibilidade de estrutura (* ▪ * ▪)ω apresentada para as hipossegmentações "concerteza" e "porenquanto" é dada em função de a sílaba pretônica poder receber um acento secundário (COLLISCHONN, 1994) se entre ela e a sílaba tônica tiver uma outra sílaba átona. O acento secundário, ao construir alternância entre as sílabas, garante um ritmo binário característico do PB.

A respeito das palavras formadas com a integração dos elementos átonos, em (1b), os clíticos constroem com a palavra prosódica que os seguem, uma palavra trissílaba bastante comum no PB, do tipo de palavras prosódicas como "encontro" e "conforme", por exemplo. Em (2b), os clíticos passam a integrar uma palavra de estrutura polissílaba, do tipo "preguiçoso" e "excelente". Especificamente, na hipossegmentação "porenquanto" (por enquanto), a evidência de que o clítico se torna uma sílaba da palavra "enquanto" é reforçada pela ressilabificação da consoante do clítico que está na coda e que passa a fazer parte do ataque de uma nova sílaba, conforme a estrutura: [[po] [**r**en]σ [quan]σ [to]σ]ω.

Nesse cenário, passamos a discutir como essa configuração dos clíticos enquanto sílabas átonas de palavra indiciam a relação entre o clítico e o hospedeiro e, por consequência, o modo como os clíticos parecem se prosodizar. A característica fundamental das grafias de hipossegmentação é a de que os clíticos junto às palavras a que se uniram funcionam tanto sintática quanto semanticamente como uma locução. Sobre essa noção, entendemos que "uma locução é um grupo de palavras que pode corresponder a uma única palavra" (ILARI et al., 2015, p. 290).[10] Considerando essa afirmação, apresentamos quatro exemplos:

(1) se á partir deste ano fossemos "imortais", **concerteza** [com certeza] eu encontraria algum jeito de me matar!

(2) agente se recontrou e fico **denovo** [de novo] numa festa do meu primo

(3) **Poriso** estou me esforçando muito para ganhar

(4) coloquei o meu jogo ensima do pote de açucar e fui escovar meus dentes depois do café da manhã

Nos casos apresentados, as estruturas formadas a partir das hipossegmentações dos clíticos correspondem a unidades que desempenham uma única função sintática, que contribui para a construção do sentido mais amplo da sentença na qual estão inseridas. Desse modo, clítico e hospedeiro se ligam de uma maneira em que os elementos convencionalmente independentes (preposições e palavras lexicais, respectivamente) "perdem a sua capacidade de significar e mantém apenas a capacidade de nos ajudar a reconhecer construções" (ILARI et al., 2015, p. 306). A relação entre clítico e hospedeiro é de tal modo indivisível, que a substituição do hospedeiro por qualquer outra palavra da língua faz com que o sentido geral da sentença não seja garantido. Assim, nos registros não convencionais, o funcionamento direto entre clítico e hospedeiro se constitui de modo mais "interno" e o funcionamento mais abrangente, ou seja, da sequência clítico-hospedeiro no interior da sentença, segue a mesma direção, tendo em vista que toda a sequência se apresenta funcionando como uma só unidade morfossintática.

No entanto, nos textos analisados, outros funcionamentos dos clíticos preposicionais foram identificados além da construção de estruturas locucionais. Por exemplo, são os casos de registros em que os clíticos desempenharam funcionamento pleno de

[10] Alguns estudos que tratam da função sintática das preposições (Cf.: ILARI et al., 2015 e LEMLE, 1984) reconhecem a capacidade que alguns desses elementos têm de formar locuções que cumprem diferentes funções sintáticas como adjetivas e adverbiais, por exemplo. Destaca-se a esse respeito, que a denominação de uma locução não é dada somente em função da natureza dos elementos que a compõe, mas se define pela função sintático-semântica desempenhada pela locução.

preposição. Ressalta-se que, nesses casos, todas as ocorrências foram convencionais, ou seja, o clítico sempre foi grafado como sendo uma palavra escrita:

(5) os cientistas estariam loucos procurando novos planetas, **com hoxigenio**, agua quase igual ao planeta Terra.

(6) Paramos **de** rir, em seguida após uns dois minutos tacaram um chiclete na cabeça do Gabriel

(7) Mas no dia seguinte quando eu ia pedila [pedi-la] **em namoro** um dos meus colegas chamado Ilhan me chamou perguntando se eu iria na casa dele junto com João

Nesses registros convencionais, a função do clítico com o hospedeiro é mais relacional, pois o elemento átono participa da construção do sentido mais geral da sentença ao unir os itens que a compõe. É possível afirmar sobre isso que há maior independência do clítico em relação à palavra localizada à direita (em geral, hospedeiro fonológico no PB, conforme Bisol, 2000a, 2005) e maior ligação ao elemento esquerdo, correspondente à introdução de informação sintática.

As informações de natureza sintática e semântica colocam em destaque que os clíticos não dependem igualmente dos itens a que estão ligados. No que concerne ao estatuto prosódico de tais elementos, partimos da hipótese de que o grau de dependência prosódica é afetado pela função sintático-semântica cumprida pelos clíticos. Nossa hipótese a favor da consideração do grau de dependência prosódica do clítico vinculado ao seu papel sintático-semântico se reforça, uma vez que o mesmo clítico pode apresentar funcionamentos distintos (por exemplo, o clítico "com" em "com certeza" e em "com oxigênio").

O tipo de funcionamento dos clíticos grafados convencionalmente dialoga, do nosso ponto de vista, com a hipótese inicialmente formulada, com base nos resultados numéricos, de que as hipersegmentações dão pistas de que os elementos átonos correspondentes às preposições monossilábicas estão mais independentes de seu hospedeiro, de maneira que não o integram, mas com ele formam outro constituinte maior.

Tratando-se das hipersegmentações, a hipótese sobre uma possível independência dos elementos átonos, está respaldada na configuração categórica dos dados: uma sílaba átona, correspondente a um item gramatical, é grafada como sendo uma palavra independente. Nossa interpretação de que a sílaba átona foi registrada como um clítico encontra respaldo no fato de as grafias das sílabas hipersegmentadas convergirem para informações da convenção ortográfica, em especial, no que toca à escolha de letras para representar fim de palavra. Nas hipersegmentações de palavras com sílabas pretônicas "con" e "en", como, por exemplo, "conversa" e "então", essas sílabas são registradas como se fossem os clíticos preposicionais "com" e "em", ou seja, como "com versa" e "em tão". Chamamos a atenção para o fato de que todas as hipersegmentações encontradas com essas sílabas obedeceram à regra ortográfica geral que prevê a letra ‹M› para registro da coda nasal em contexto de sílaba que marca fim de palavra:

A favor da hipótese de que as hipersegmentações isolam elementos átonos, defendemos que a segmentação da sílaba átona é condicionada por dois planos de proeminências prosódicas, sendo um interno à estrutura da palavra, referente à organização de saliências percebidas pelas sílabas que se alternam entre fraca e forte e/ou *vice-versa* (SILVA; TENANI, 2014); e outro interno à estrutura da sentença, relacionado ao modo como se distribuem saliências às unidades no eixo sintagmático (TENANI, inédito).

A análise das saliências prosódicas que se configuram na estrutura das hipersegmentações parte da premissa de que proeminências rítmicas, que se formam nos limites de palavra, são pontos de ancoragem para delimitação da sílaba átona como um clítico. Nesse sentido, é necessário também considerar a estrutura das palavras convencionais que foram hipersegmentadas. No conjunto das hipersegmentações identificadas, a regra geral foi a do ponto de corte ocorrer na sílaba pretônica que marca a fronteira esquerda da palavra. Apenas dois dados ("falam do" [falando] e "qual do" [quando]) não seguiram essa tendência e a separação aconteceu na sílaba átona localizada à direita da palavra. Apesar disso, temos a hipótese de que a fronteira direita de palavra tende a ser mantida, em razão da preservação de informação morfológica, o que parece se confirmar na medida em que nos textos do corpus identificamos várias palavras cuja sílaba postônica poderia corresponder a um clítico ("amizade", "verdade", "saudade", "ouvido") e, no entanto, não houve hipersegmentação (embora fosse contexto potencial para separação da sílaba que corresponderia a um possível clítico).

Em relação às grafias cuja sílaba pretônica foi hipersegmentada, apresentamos exemplos de tipos de ocorrências, com palavras trissílabas e polissílabas, dando evidência à organização métrica dos dados e das grafias convencionais:

Trissílabos		Polissílabos	
Convenção	Hipersegmentação	Convenção	Hipersegmentação
Embora	em bora	conversando	com versando
(• * •)ω	(•)σ (* •)Σ	(• • * •)σ	(•)σ (• * •)Σ
Naquele	na quele	(* • * •)σ	(*)σ (• * •)Σ
(• * •)ω	(•)σ (* •)Σ	enfaixado	em fachado
Enquanto	em quanto	(• • * •)σ	(•)σ (• * •)Σ
(• * •)ω	(•)σ (* •)Σ	(* • * •)σ	(*)σ (• * •)Σ

Fonte: Elaboração do autor

A partir desses exemplos, fazemos dois destaques quanto às proeminências silábicas indicadas. O primeiro é a respeito das hipersegmentações de trissílabos, em que a sílaba pretônica, ao ser segmentada, cria na unidade restante uma estrutura dissílaba, que consiste majoritariamente a um pé troqueu (alternância forte/fraca). Essa unidade fonológica, por sua vez, é uma característica da formação de unidades prosódicas do PB (cf. BISOL, 2000b). A hipersegmentação de uma sílaba na borda esquerda de um pé troqueu, estabelece uma fronteira exatamente no limite em que se localiza o acento primário. Assim, analisamos que a identificação de uma saliência fônica pode ser um indicativo de fronteira de uma unidade prosódica, da qual os elementos que estão anteriores à sílaba proeminente não fazem parte.

Essa característica prosódica somada à correspondência das sílabas hipersegmentadas com palavras funcionais são, de nossa perspectiva, indicativos da possível independência dos elementos átonos e, além disso, confirmam nossa hipótese de que é na confluência de fatores prosódicos e morfossintáticos, por exemplo, que encontraremos pistas da prosodização argumentos para investigação do lugar do clítico na estrutura prosódica.

Um segundo destaque diz respeito às hipersegmentações de polissílabos. Nesses casos, são atestados dois possíveis estatutos à sílaba segmentada, já que em um a sílaba pretônica mantém seu estatuto átono e, em outro, essa sílaba pode receber

proeminência de acento secundário. Defendemos a segunda possibilidade como a que motiva a hipersegmentação, uma vez que na posição do acento secundário pode estar associado um evento tonal, conforme demonstra Tenani (inédito) com base em um conjunto de hipersegmentações de palavras polissílabas. Nesse aspecto, concordamos com essa autora em relação ao fato de que acentos secundários e eventos tonais dão destaque a sílabas átonas no eixo sintagmático. Sobre a possibilidade de sílabas átonas receberem acento tonal, Toneli (2009) demonstra que, em contexto de foco, unidades átonas podem se prosodizar como elementos acentuados.

As diferentes informações linguísticas que perpassam as grafias de segmentação não convencional analisadas indicam para funcionamentos distintos dos clíticos preposicionais do PB. Confrontados, por um lado, registros convencionais dos clíticos e hipersegmentações de sílabas com estatuto de clíticos e, por outro lado, grafias hipossegmentadas de clíticos que integram locuções sintáticas, entendemos que a relação entre os clíticos preposicionais e seus hospedeiros é de tal modo complexa, que definir seu domínio de prosodização demanda enfrentar teoricamente a possibilidade de haver formas diferentes de prosodização das preposições, considerando o grau de dependência prosódica que esses elementos estabelecem com o hospedeiro. Uma primeira hipótese, que pode vir a ser descartada conforme desenvolvimento da pesquisa, é a de que os funcionamentos dos clíticos mais dependentes se prosodizariam como uma palavra prosódica enquanto os funcionamentos mais independentes formalizariam a prosodização no nível do sintagma.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

No decorrer deste artigo, buscamos discutir questões que envolvem a prosodização de clíticos. Tratamos, mais especificamente, de registros de clíticos e de sílabas pretônicas que foram grafados não convencionalmente ora como parte de uma palavra escrita (quando é clítico) ora como clítico seguido de seu hospedeiro (quando é sílaba pretônica).

Com base nas configurações particulares das hipossegmentações (relação do clítico mais próxima com o hospedeiro) e hipersegmentações (relação mais independente da sílaba pretônica em relação às demais sílabas da palavra), os primeiros resultados alcançados nos permitem formular a hipótese de que há diferentes graus de dependência prosódica dos clíticos preposicionais em relação ao hospedeiro. Em outras palavras, defendemos que há clíticos que se relacionam mais internamente e clíticos que se relacionam mais externamente com o hospedeiro, dentro do conjunto de clíticos preposicionais. No que tange ao nível de prosodização desses clíticos, a formulação dessa hipótese sugere outra: a de que há domínios diferentes de prosodização dos clíticos.

O desenvolvimento dessa hipótese trará novas evidências sobre o domínio de prosodização dos clíticos para o conjunto de discussões já existentes acerca do tema. Nossa proposta será inovadora nesse campo, não apenas por considerar a importância de diferenças sintático-semânticas sobre a prosodização, mas também porque propõe analisar tais diferenças no interior de uma mesma classe de clíticos (a dos preposicionais). A abordagem que estamos defendendo é a de que para explicar o funcionamento prosódico dos clíticos é fundamental considerar o tipo de informação linguística que constituem a relação de clítico e hospedeiro e não somente a classe de palavra a qual o clítico corresponde na morfossintaxe, por exemplo. Assim, será possível discutirmos como a prosodização de clíticos preposicionais do PB auxiliam na consolidação da configuração universal da estrutura prosódica, destacando a inserção de nossa pesquisa em âmbito internacional.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Unicamp, pp. 111-178, 1996.

BISOL, L. O clítico e seu *status* prosódico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, pp. 5-20, 2000a.

____. O troque silábico no sistema fonológico. **DELTA**, São Paulo, v. 16, ano 2, pp. 403-413, 2000b.

____. Mattoso Camara Jr. e a palavra prosódica. ___, ___, v. 20, n. especial, pp. 59-70, 2004.

____. O clítico e o seu hospedeiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, pp. 163-184, 2005.

BOOIJ, G. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. In: **The Linguistic Review** , 1996. pp. 219-242.

COLLISCHONN, G. Acento secundário em português. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 29, n.4, pp. 43-53, 1994.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DIXON, R.; AIKHENVALD, A. (Org.). **Word***:* a cross-linguistic typology. Cambridge University Press, 2002.

HALPERN, A. Clitics. In: SPENCER, A.; ZWICKY A. (Org.). **The Handbook of Morphology**. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 101-122, , 1998.

HORNE, M. The Clitic Group as a prosodic category in Old French. **Work papers**, n. 35, 1989, pp. 99-111.

ILARI, R et.al. A preposição. In: ____. (Org.). **Palavras de classe fechada**. São Paulo: Contexto, pp. 163-310, 2015.

INKELAS, S. **Prosodic constituency in the lexicon**. New York: Garland, 1990.

LEMLE, M. **Análise sintática**: teoria geral e descrição do português. São Paulo: Ática, 1984.

MARCATO. F. **Análise prosódica de preposições monossilábicas**. 172 Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2013.

NESPOR, M; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrechet: Foris Publications, 1986.

____. **Prosodic Phonology**: with a new foreword. Berlim/New York: Mouton de Gruyter, 2007.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EdUNESP, 2000.

PARANHOS, f. **Segmentações não-convencionais de palavras nos quatro últimos anos do Ensino Fundamental**: um estudo longitudinal. 171f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2014.

SELKIRK, E. **Phonology and Syntax**: the relation between sound and structure. The Massachusetts Institute Technology, 1984.

_____. The prosodic structure of function words. In: McCARTHY, John. **Optimality Theory in phonology**: a reader. Oxford: Blackwell, pp. 464-482, 2004.

SILVA, L. **Um estudo longitudinal sobre as hipersegmentações de palavras escritas nos anos finais do Ensino Fundamental**. 172f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos).: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2014.

____; TENANI, L. **Hipersegmentações de palavra no ensino fundamental**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. **ALFA**, São Paulo, 52 (2), pp.431-446, 2008.

SPENCER, A. LUÍS, A. **Clitics**: an introduction. New York: Cambridge University Press, 2012.

TENANI, L. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do Ensino Fundamental. **Revista da ABRALIN**. 10, n. 2, jul.-dez. 2011, pp. 91-119.

_____. **Acentos secundários e eventos tonais**: evidências a partir de hipersegmentações de palavras. Inédito.

TONELI, p. M. **A palavra prosódica no português brasileiro**: o estatuto prosódico das palavras funcionais. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística).Universidade Estadual de Campinas, 2009.

VIGÁRIO, M. **The prosodic word in European Portuguese**. Berlim/New York: Mounton de Gruyter, 2003.

_____. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, Maria; COUTINHO, M. A. (Org.). ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA: textos selecionados, 12. Lisboa. **Anais**.... Lisboa: Colibri Artes Gráficas, pp. 673-688, 2007.

_____. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: recursive nodes or an independent domain? **The Linguistic Review**, n. 27, pp. 485-530, 2010.

VOGEL, I. The status of the Clitic Group. In: GRIJZENHOUT, J.; KABAK, B. (Eds.). **Phonological Domains**: universals and deviations. Mouton de Gruyter, 2009. pp. 15-46.